

Eu, Apresentador: Personificação e Condução Proeminente na Apresentação do Telejornal¹

Vitor BELÉM²

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Lívia CIRNE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Ao longo dos últimos anos o telejornalismo brasileiro tem experimentado novas estratégias de personificação do apresentador na tarefa de informar e conduzir o noticiário. É nesse contexto que esse trabalho se insere, buscando identificar transformações na forma de condução do telejornal, que se apresentam de maneira distinta ao tempo e ao contexto, tendo como foco a dimensão verbal. Para isso, desenvolve-se um estudo de caso a partir do telejornal SETV 1ª edição, atualmente SE1, produzido pela TV Sergipe, afiliada Rede Globo. Tendo como unidade de análise o texto, eventualmente associado a elementos visuais, percebeu-se alterações cronológicas na apresentação do telejornal, que indicam tendência a uma condução proeminente.

PALAVRAS-CHAVE: telejornal; apresentador; condução proeminente.

INTRODUÇÃO

Na década de 50, início da televisão no Brasil, a função de apresentar o telejornal ainda estava em construção, assim como o próprio formato da produção. Absorvendo os profissionais e as técnicas do rádio, a televisão incorporou a imagem na tarefa do locutor noticiário. Sem a mesma preocupação estética dos dias atuais, os apresentadores também não tinham uma desenvoltura que valorizasse as expressões condicionadas a cada tipo de notícia. A voz era o principal atributo para quem comandava as primeiras bancadas dos telejornais. Foi assim na estreia do primeiro telejornal, o “Imagens do Dia”, no dia 20 de setembro. Tudo era muito rústico e improvisado, sem horário ou duração

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenador Adjunto do PPGCom/UFS. Líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (Jornau). E-mail: vitorbelem@ufs.com.

³ Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPGEM/Capes, UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais (Connau). E-mail: liviacirne@gmail.com.

predeterminados, com a leitura de notas e a exibição limitada de imagens sobre os acontecimentos (REZENDE, 2000, 2010; PATERNOSTRO, 2006; BECKER, 2016).

Ao longo dos anos, o telejornalismo brasileiro foi se estruturando, inspirado no modelo norte americano de fazer jornalismo audiovisual. Com isso, a voz, a narração, o corpo e o texto foram sendo formatados, na medida em que a televisão se profissionalizava e criava padrões específicos para a tarefa de apresentar. Os telejornais desenvolveram uma linguagem própria, distanciando-se da influência radiofônica e preparando-se para uma estrutura de transmissão em rede (SQUIRRA, 1993).

Com o aumento de investimentos e a ampliação do alcance das transmissões, as emissoras foram ampliando as estruturas técnicas e importando novas tecnologias para difundir informação. Destaca-se, inicialmente, dois recursos que alteraram a forma de apresentar os noticiários. O primeiro, na década de 60, foi o *videotape*, que facilitou o processo de gravação e de edição dos conteúdos. Como impacto disso, o telejornal deixou de ficar centralizado na figura do apresentador, que passou a dividir a tarefa de informar o público com os repórteres. Outra inovação foi a chegada do *teleprompter*, em 1971, que projetava o texto lido pelo apresentador, permitindo a ele uma narração com maior naturalidade (MEMÓRIA GLOBO, 2016).

Os telejornais se consolidaram no horário nobre, se multiplicaram pelo país por meio das afiliadas e assumiram uma função estratégica para a grade de programação televisiva, aliando retorno financeiro e de audiência. A partir do final da década de 80, momento no qual os apresentadores já tinham uma desenvoltura mais apropriada ao recurso visual do suporte, novos elementos vão se somando. A pretensa objetividade foi sendo tensionada pelo apelo popular dos programas jornalísticos que surgiram na época, diminuindo o constrangimento de envolvimento com as notícias ou da possibilidade de opinar sobre os fatos. Com isso, na tarefa de conduzir o telejornal, os apresentadores foram “assumindo novos contornos para além da função objetiva de informar, ocupando um lugar estrategicamente construído como defensores dos direitos do público diante da fragilidade da sociedade civil, amparando e promovendo denúncias populares” (BECKER, 2016, p. 37). Destaca-se nesse breve retrospecto o jornalista Boris Casoy, contratado pelo SBT em 1988, para ficar a frente do “TJ Brasil” como âncora. O diferencial, além de ser pela responsabilidade de ser o editor-chefe, era pelo fato do condutor do telejornal emitir opinião. Temer (2012) e Rezende (2000) lembram que o

modelo despertou a atenção da concorrência, sendo adotado em seguida por outras emissoras.

Outras inovações foram incorporadas sistematicamente na produção do telejornal, personificando cada vez mais a figura do apresentador, que passou a estabelecer um diálogo mais próximo e íntimo com a audiência, especialmente nas produções jornalísticas locais. É nesse contexto que se insere esse estudo, com objetivo de identificar as mudanças na condução do telejornal, tendo como foco a dimensão verbal. Sabe-se que essa estratégia de personificação não é nova no telejornalismo, mas as formas como se apresentam vão se diferenciando ao tempo e ao contexto em que se insere. Por isso, optou-se com objeto empírico o telejornal SETV 1ª edição, atualmente SE1, produzido pela TV Sergipe, afiliada Rede Globo. O estudo de caso tem como unidade de análise o texto, eventualmente associado a elementos visuais, que vão desde a expressividade do apresentador à condição estética do espaço. Para isso, se fez necessária uma revisão teórica, consultando desde os manuais de telejornalismo às reflexões sobre as formas de condução do noticiário. Para evidenciar a mudança cronológica na apresentação do telejornal em questão, a amostra do estudo é composta por três edições do noticiário, exibidas em momentos distintos, descritas a seguir, para identificar as rupturas. Os vídeos foram consultados a partir da base repositória da emissora na internet e no Youtube, para posterior descrição, leitura e interpretação.

QUANDO O APRESENTADOR SE INSERE NO ENUNCIADO

Antes de apresentar o que se entende por “condução proeminente”, vale ponderar sobre como tem se manifestado as mudanças na postura do apresentador no processo de enunciação do telejornal. Fachine (2008), ao refletir sobre as disposições dos papéis enunciativos apropriados ao telejornal, diz que, inserido no enunciado, existe a voz do(s) apresentador(es), que se responsabiliza(m) pelo texto em situação de comunicação, comandando toda a cena e dirigindo sua mensagem não só a uma audiência presumida (PEREIRA JUNIOR, 2005), um público idealizado, mas, sim, a uma audiência figurativizada, que está lhe(s) assistindo, e que, inclusive, também pode ser inscrita no discurso, por meio de diversas maneiras, como quando é interrogada (“você gosta de viajar?”), quando recebe orientações (“para se inscrever, você precisa de...”) ou ordem

(“preste atenção...”, “veja...”), por exemplo. Nesse caso, tais atores enunciativos são seres reais, dotados de intenções.

Os apresentadores funcionam como condutores, que delegam voz aos repórteres, os quais têm por função evidenciar os fatos, introduzindo-se, cada qual, como um outro “eu”, que fala para um “tu” correspondente. Nesse intercâmbio, delimitam-se os diferentes papéis enunciativos do ato, no qual o apresentador assume a conduta de narrador principal, no telejornal, e os repórteres como narradores secundários, nas unidades menores (FECHINE, 2008), mas por entendermos que eles alcançaram um status especial na mediação, inclusive por imputarem marca ao programa. Além disso, diferentemente dos outros actantes envolvidos na composição do telejornal, a sua presença no discurso é parâmetro para um conjunto de relações espaciotemporais, pois o espaço e o instante de fala deles são o “aqui” e o “agora”. A atuação “ao vivo” estabelece a sincronia entre a narração do apresentador, a transmissão do programa e a recepção do telespectador.

Desse modo, a concomitância entre o apresentador e o telespectador pode ancorar vínculos e sustentar uma interação mais próxima da conversa. O desenvolvimento da performance na apresentação é estratégica e tem impacto incisivo na aceitação ou não da audiência.

A postura sisuda, os comentários contidos, a performance “bem comportada” dos apresentadores por trás de uma bancada, que são indicativos da formalidade, foram dando lugar a uma conduta menos engessada, mais descontraída, valendo-se de frases com termos coloquiais, com maior liberdade de avaliação crítica dos assuntos exibidos e explorando possibilidades de locomoção no estúdio ou até fora dele, separando-se de uma estrutura cênica clássica, como aprofundaremos mais adiante. A informalidade também é notada nas demonstrações de indignação de alguns apresentadores ou no provisório desuso do teleprompter, cabendo uma “improvisação provocada”. Ou quando os apresentadores sorriem, partilham experiências pessoais, aderem ao uso de bordões, de provérbios e trocadilhos, ou até mesmo quando não são mais convocados por nome e sobrenome e, sim, só pelo nome.

Antes, conforme recomendam os manuais de telejornalismo, a atuação da apresentação dá-se amparada por texto em terceira pessoa, acompanhado de verbos que se flexionam no infinitivo, sem predicados substanciais, com o objetivo de conferir maior

precisão às informações e uma aparente neutralidade ao discurso. Todavia, nos últimos anos, há um investimento num apresentador que se inscreve enunciativamente como um “ser comum”. Usa-se, agora, o texto em primeira pessoa, com o uso de pronomes possessivos (seu(a), nosso(a), etc.) e demonstrativos (este(a), esse(a), etc.), bem como advérbios, principalmente, de intensidade (bem, mal, muito, pouco, etc.) e modo (comumente, literalmente, etc.). Por meio de movimentos de planos e de ângulos de câmeras (com tomadas em close até), os apresentadores são focalizados atribuindo juízo às notícias, simulando interação com o telespectador ou realizando interlocuções com outros repórteres, ao vivo.

CONDUÇÃO PROEMINENTE

Por proeminente, entende-se o perfil do jornalista com performance que se destaca ou sobressai na condução das produções jornalísticas na televisão. Afastados da percepção de serem apenas locutores de informação, eles opinam com mais liberdade, se expressam de maneira mais evidente, centralizam os fatos a sua percepção e, muitas vezes, assumem o papel de defensores da população (BELÉM, 2017).

Arlindo Machado (2005), ao refletir sobre a identidade de um telejornal, identifica dois tipos, caracterizados a partir da postura desempenhada pelos enunciadores. O “padrão” ou polifônico é compreendido com um modelo em que o interlocutor não exerce um papel central sobre o que é reportado, cumprindo a função de apenas narrar as informações de maneira impessoal. Portanto, eventuais comentários são de responsabilidade dos comentaristas. É o tipo de modelo, considerado pelo autor, como tradicional, onde se prevalece a pretensa objetividade jornalística. Por outro lado, um perfil mais próximo ao caracterizado no *corpus*, é o modelo “centralizado e opinativo”. Nesse padrão,

[...] a voz *over* do apresentador costuma se sobrepor às matérias e às outras vozes do telejornal, emoldurando-as com o crivo de seu comentário. Vozes demasiado ruidosas ou demasiado “radicais” não têm espaço nessa estrutura; elas são antes reportadas pelo âncora, sempre que há necessidade de se representar seus pontos de vista. Nos casos mais fortemente personalizados, o apresentador não é somente um âncora, mas costuma acumular também os cargos de chefe de reportagem, diretor geral e produtor. O programa, na verdade, lhes pertence. (Ibidem, 2005, p. 107)

Como lembra o próprio autor, esse modelo de telejornal opinativo não é novo e foi utilizado para se aproximar da opinião público, ou seja, mais um recurso da televisão para estabelecer cumplicidade e até mobilização social. Como referência, tem-se o exemplo do jornalista Boris Casoy, que foi um dos precursores da figura do âncora no telejornalismo brasileiro na década de 80, incorporando a função de editor chefe na condução do telejornal, com amplo espaço para a opinião (SQUIRRA, 1993).

Antes de se dedicar a explorar como a condução proeminente se apresenta, é preciso também rever alguns preceitos dos manuais de telejornalismo a respeito desses profissionais. Barbeiro e Lima (2002) ao tratar sobre os aspectos que envolvem a apresentação de um programa jornalístico, lembram que embora o apresentador seja uma figura familiar aos telespectadores, não são estrelas de um telejornal; analogamente ao que são atores em telenovelas. “O apresentador de programa jornalístico na TV não é artista nem notícia, trabalha com ela.” (Ibidem, p. 76). Estes limites nem sempre são claro, seja pelas particularidades de quem produz ou de quem consome o noticiário.

Essa associação pode ser compreendida revisando a história do telejornalismo, quando os primeiros apresentadores não eram necessariamente jornalistas. Exigência que foi se concretizando com a concepção de um produto informativo para a televisão e a construção de uma linguagem própria. Nessa fase inicial, as principais preocupações com relação ao apresentador ou repórter eram com a questão estética. Observação similar é feita por Ivor Yorke (2006), que analisou o contexto norte americano. Para o autor, até a década de 1980 as exigências para ocupar essas funções se limitavam a ““presença” incontestável, aparência agradável, dicção clara, ausência de maneirismo irritantes e capacidade de manter a calma quando houvesse imprevisto” (Ibidem, p. 246).

Com os progressos tecnológicos e a popularização dos telejornais, apresentadores e repórteres passaram a ter maior destaque durante a edição (participação no processo produtivo da notícia) e prestígio público comparado ao das “estrelas” do entretenimento. Essa feição sempre foi controversa; e continua sendo a partir do momento em que o telespectador não os percebe enquanto mediador da informação, mas intercessor de conflitos públicos. Por outro lado, há que se reconhecer que a escolha de um profissional para lidar regularmente com o vídeo é também uma estratégia para cativar o público; é fator de credibilidade para o telejornal ter alguém com a confiança do público na sua condução (FECHINE, 2008). Nesse sentido, a pergunta que deve guiar as emissoras de

televisão é para saber o que essa nova audiência quer; a partir disso, compreender se esse perfil é de um jornalista ou de um ator. Entre a ficção e a realidade, inerentes a profissionais de diferentes áreas, há que se perceber as aproximações e distinções; se possível.

É indiscutível que recursos próprios da arte cênica são usados no telejornalismo; alguns jornalistas chegam a fazer cursos de teatro, inclusive para perder a timidez. O uso de maquiagem e de roupas especiais, e o jeito de olhar para a câmera muitas vezes dão ao telespectador a sensação de que a notícia está sendo apresentada por um ator. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 82)

As fronteiras das produções ficcionais e jornalísticas na televisão são, deste modo, confusas (BALOGH, 2002) e a dramatização dos conflitos na construção das notícias nos telejornais (COUTINHO, 2012) só atenuam esse processo. É inevitável atentar para a importância que a teledramaturgia tem no país, como um dos gêneros do entretenimento de maior sucesso, e sua influência nessas transformações. Não são recentes, mas graduais e constantes.

Para Curado (2002), o apresentador de um telejornal deve ter recursos de voz adequados e empatia para ser aceito pela audiência. Isso representa dizer que o perfil desse interlocutor é tão importante quanto os aspectos editoriais que norteiam a produção do noticiário. As pesquisas de mercado podem dar esses indicativos, mas dificilmente compreendem a complexidade de um público, como o brasileiro, tão diverso, com vários sotaques e formas de expressão. A estratégia, muitas das vezes, recorre ao apelo popular.

SE 1: NOVO CENÁRIO, NOVOS APRESENTADORES

O SE 1 sempre teve como característica predominante a prestação de serviço. Ao longo dos anos o telejornal passou por diversas mudanças, seja estas estéticas, editoriais ou tecnológicas. A esse trabalho interessa compreender, especificamente, aquelas que dizem respeito à apresentação do telejornal, com foco na figura do apresentador na

condução do noticiário. Nesse sentido, se faz necessário um breve retrospecto, que resgate as principais mudanças ocorridas nos últimos anos (Figura 1).



Figura 1- Mudanças na apresentação do telejornal SETV1ª edição/SE1. Fonte: recorte do telejornal.

Até o mês de maio de 2015, o telejornal, que ainda era identificado como SETV 1ª edição, era apresentado pela jornalista Susane Vidal, que ocupava esta função há mais de uma década. Até então, o cenário era centralizado em uma bancada, com pouca mobilidade oferecida ao apresentador, que permanecia sentado durante os cerca de 40 minutos de duração do telejornal.

Pelo grande intervalo de tempo em que esteve a frente do telejornal, a apresentadora Susane Vidal experimentou duas formas de conduzir o noticiário: em pé e sentada. A reestruturação do estúdio do telejornal foi realizada em outubro de 2012. Seguindo o novo padrão desenvolvido para os telejornais locais da afiliadas da Globo, a emissora estreou um novo estúdio, permitindo a movimentação pelo estúdio e a interação com a audiência e repórteres com o apoio dos telões.

No ano de 2015 a emissora passou por uma reformulação no quadro de apresentadores. Susane Vidal assumiu a apresentação da edição noturna do noticiário local, o SETV 2ª edição, trocando de posição com o apresentador Ricardo Marques, que passou a dividir a tarefa de conduzir o telejornal vespertino com a repórter Lanne Pacheco. As mudanças foram inseridas no contexto de lançamento da programação daquele ano, com a expectativa de alterações “pensadas em cada detalhe para aproximá-

lo [telespectador] cada vez mais da emissora”. A nova dupla chegava com a tarefa de tornar o jornal mais leve e dinâmico, com uma linguagem mais informal e a possibilidade de participação do telespectador a partir do aplicativo da emissora, o “Você na TV Sergipe”⁴.

A divisão da tarefa de conduzir o telejornal durou menos de três meses, quando Ricardo Marques passou a comandar sozinho o noticiário, sem que a emissora comunicasse oficialmente as motivações.

Em maio de 2018 o telejornal passou por mais uma mudança, com a saída do apresentador Ricardo Marques da emissora⁵. A repórter Priscilla Bitencourt deixou a externa e passou a assumir a função de apresentadora no mês seguinte, onde permanece até então.

A última mudança foi a estreia do novo pacote gráfico do telejornal, quando o mesmo passou a ser identificado como SE1. A estratégia, já testada pela Globo em outras praças, era indicativo de que o telejornal não seria mais um produto para televisão, mas para múltiplas plataformas.

PERSONALIZAÇÃO DA APRESENTAÇÃO

As mudanças indicadas anteriormente podem ser interpretadas sob vários aspectos. Um deste é a personalização da apresentação do telejornal, sob o qual se dedica esse trabalho. Como lembra Yvana Fechine (2002), essa personalização é um processo em que se busca estabelecer uma proximidade e intimidade maior com a audiência. A mudança muitas vezes vem atrelada a uma subjetividade discursiva, expressa pela opinião dos apresentadores. É o que se observa nas análises a seguir.


A reconfiguração dos estúdios dos telejornais nos anos 2000, com a exclusão das bancadas, colocou os apresentadores sob novos ângulos, com enquadramentos mais amplos, que passaram a destacar todo o corpo; espaços que permitiram o deslocamento e

⁴ “uma linguagem mais conversada e as reportagens trarão novas características. O público também terá um novo papel e aparecerá muito mais através do aplicativo ‘Você na TV Sergipe’.

⁵ De acordo com informações divulgadas no Blog do jornalista Claudio Nunes (<https://infonet.com.br/blogs/ricardo-marques-depois-de-tantos-escandalos-a-classe-politica-esta-severamente-abalada/>), o apresentador se desligou da emissora para pleitear um mandato na eleição de 2018. A candidatura não se efetivou e em outubro do mesmo ano o jornalista assumiu a apresentação do programa Balanço Geral Sergipe, na TV Atalaia, afiliada Rede Record, disputando a audiência com o noticiário que comandava anteriormente.

a valorização de novas formas de expressão, não mais restritas ao rosto. A nova estrutura técnica interferiu decisivamente nos modos de condução. Para o telespectador, em muitas ocasiões, essas mudanças nem sempre são manifestas ou compreendidas criticamente. E enquanto o meio acadêmico busca entender esse cenário, os profissionais testam formas, não necessariamente previstas nos manuais (BELÉM, 2017). Essa condição pode ser observada no telejornal em questão, que atesta a estratégia midiática da condução proeminente, com as seguintes qualidades do apresentador: discurso pessoal, centralidade da voz, expressão evidente e envolvimento com os fatos.

No intervalo entre os anos de 2012 e 2019, foram observadas três edições do noticiário, com parte dos textos transcritas a seguir. A primeira delas, do dia 23 de julho de 2012, ainda com o telejornal na configuração mais tradicional, com a apresentadora sentada na bancada. Contida nos comentários e na expressividade, Susane Vidal manteve essas características ao longo de toda edição, independente das temáticas das notícias apresentadas. Um perfil alinhado com padrão mais formal dos telejornais de rede. No quadro 1 destaca-se o texto de abertura do telejornal, sobre o congestionamento gerado pela volta às aulas.

<p>#LOC VIVO (SUSANE VIDAL)</p> 	<p>O RETORNO ÀS AULAS DAS ESCOLAS DA REDE PARTICULAR DE ENSINO DA CAPITAL FEZ MUDAR O CENÁRIO NAS RUAS E AVENIDAS DE ARACAJU// PELA MANHÃ O FLUXO DE VEÍCULOS AUMENTOU// QUEM MAIS SOFREU COM OS CONGESTIONAMENTOS FORAM OS PAIS/ QUE MORAM LONGE DAS UNIDADES DE ENSINO ONDE OS FILHOS ESTUDAM//</p>
---	---

Quadro 1 - Apresentadora Susane Vidal na abertura do SETV 1ª edição. Fonte: transcrição do SETV 1ª edição (23/07/2012).


A cabeça é clara e objetiva, sem o envolvimento da enunciativa no contexto reportado. Um tipo de condução mais neutra, comum a muitos telejornais da época. É esse mesmo tom que se percebe no quadro 2, quando a jornalista faz a chamada para uma reportagem sobre acidente com vítima fatal.

#LOC VIVO (SUSANE VIDAL)	<p>UMA BATIDA ENTRE DOIS CAMINHÕES NA BR CENTO E UM TERMINA COM A MORTE DE UM DOS MOTORISTAS DOS VEÍCULOS// A POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL SUSPEITA QUE O ACIDENTE TENHA SIDO PROVOCADO POR EXCESSO DE VELOCIDADE.//</p>
--------------------------	--

Quadro 2 – Cabeça sobre uma notícia de acidente em rodovia. Fonte: transcrição do SETV 1ª edição (23/07/2012).

Os textos destacados não fogem aos preceitos dos manuais, mantendo a coloquialidade do texto, sem apelos à personificação do texto. Como lembra Paternostro (2006, p. 95), "as palavras e as estruturas das frases devem ser o mais próximo possível de uma conversa. Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, e apropriadas ao significado e à circunstância da história que queremos contar". São, portanto, exemplos de matérias distintas em que se percebe a uniformidade na maneira de conduzir o telejornal.

O mesmo padrão da apresentadora se mantém com as mudanças estruturais do estúdio. Deste modo, para reforçar as rupturas nos modos de apresentação, parte-se para um segundo momento, quando Ricardo Marques assume o telejornal vespertino. A amostra selecionada foi do dia 28 de março de 2017. Nesse dia, o telejornal abordou o problema da entrega de correspondências pelos Correios em Sergipe. Desde o momento em que o apresentador anunciou o assunto até a entrada da repórter, ao vivo em uma comunidade, o discurso incisivo do apresentador é complementado por gesticulações que complementam o tom do discurso.

<p>#LOC VIVO (RICARDO MARQUES)</p> 	<p>A SITUAÇÃO DOS CORREIOS AQUI EM SERGIPE/ EM ARACAJU E EM MUITAS CIDADES DO NOSSO ESTADO/ A GENTE JÁ VEM COBRANDO HÁ ALGUM TEMPO// A GENTE COBROU EM SOCORRO/ EM SÃO CRISTÓVÃO// A GENTE COBROU DE OUTRAS CIDADES MAIS DISTANTES AQUI DA CAPITAL// E AGORA A GENTE VOLTA COM ESSA MESMA COBRANÇA/ COM MARISTELA NIZ/ PORQUE SE A COMUNIDADE PEDE/ A NOSSA REPÓRTER ESTÁ LÁ//</p>
--	--

Quadro 4 – Apresentador Ricardo Marques sendo incisivo ao cobrar providências dos Correios. Fonte: transcrição do SETV 1ª edição (28/03/2017).

O apresentador assumiu esse posicionamento desde que assumiu a apresentação do telejornal, colocando marcas da personalidade no texto e explorando elementos da expressividade, antes contidos quando conduzia a edição noturna do noticiário, que por sua vez era focada em assuntos factuais, ou mesmo em comparação ao estilo da apresentadora anterior. A mudança de telejornal fez com que o apresentador assumisse outra postura, se inscrevendo enunciados de forma mais popular.

As exclamações do apresentador no exemplo mostrado e ao longo de toda a edição confirmam a ideia de “autoridade” e aproximam da definição de telejornal centralizado e opinativo, também definido pela atuação do enunciador na “defesa do interesse do público” (MARCONDES FILHOS, 2000, p. 44). De um lado a população denuncia; do outro, o apresentador exerce o papel de organizador do enunciado. Competência diretamente relacionada ao cargo que ocupa. Ricardo Marques, além de apresentar o noticiário, era também o editor-chefe e diretor de jornalismo da emissora. Desta forma, no comando editorial, apresentador tinha, em tese, mais liberdade para emitir opiniões; discurso em muitos momentos em primeira pessoa, com juízo de valor e a força da expressão facial julgadora. Elementos que reforçam a dramaticidade da narrativa, especificamente no que se refere à lição de moral (COUTINHO, 2012), em que se evidencia o papel de herói e vilão para a população.

#LOC VIVO (RICARDO MARQUES)	VAMOS MUDAR DE ASSUNTO AGORA/ PORQUE ONTEM/ SE VOCÊ NÃO SABE/ OU SE VOCÊ SABE/ FOI O DIA DO CIRCO E DO TEATRO TAMBÉM// ONTEM OCORREU TAMBÉM A ABERTURA DO FESTIVAL SERGIPANO DE ARTES CÊNICAS// SE VOCÊ NÃO ACOMPANHOU A PROGRAMAÇÃO DE ONTEM/ ENTÃO VEJA AGORA COMO FOI A PRIMEIRA NOITE//
-----------------------------	---

Quadro 4 – Apresentador interpela a audiência para noticiar evento cultural. Fonte: transcrição do SETV 1ª edição (28/03/2017).

Um terceiro momento de análise é identificado a partir da atual apresentadora do telejornal, a Priscilla Bittencourt. Mais jovem que o anterior e acostumado com a


dinâmica da externa, a nova apresentadora intensificou ainda mais a estratégia em aproximar o telejornal do público. Desde a estreia, o telejornal ampliou o tempo de fala da apresentadora, que comenta e se expressa de maneira (pretensamente) natural. Os novos quadros com foco em problemas comunitários atenuam as formas de criar laços de familiaridade com o seu público (SILVERSTONE, 1994).

#LOC VIVO (PRISCILLA BITENCOURT)	ESSA SEMANA OS ANIMAIS ESTÃO SOLTOS AQUI NO SE1// A GENTE JÁ FALOU DE TARTARUGA/ DE TAMANDUÁ MIRIM/ E HOJE FOI A VEZ DO JACARÉ// O ANIMAL FOI RESGATADO PELA ADEMA// VAMO VÊ AÍ//
----------------------------------	---

Quadro 5 – Apresentadora em tom descontraído anuncia reportagem sobre captura de animal. Fonte: transcrição do SE 1 (08/03/2019).

O texto transcrito no quadro 5 indica uma intimidade com o público que acompanha o noticiário e cria um ambiente de leveza entre informações mais sérias. Para Paternostro (2006, p. 95), “a busca do texto coloquial consiste em encontrar um texto de entendimento comum para a mensagem que será transmitida”. (PATERNOSTRO, 2006, p.95). Percebe-se, portanto, que a intencionalidade vai além do interesse para o "entendimento comum" ao texto.

Em outro momento, a apresentadora assume um posicionamento mais firme diante do tipo de notícia. O assunto era violência contra mulher e a apresentadora se posiciona como tal, mostrando indignação ao tema, seja pelo texto, expressão facial ou narração (quadro 6).

<p>#LOC VIVO (PRISCILLA BITENCOURT)</p> 	HOJÉ É O DIA OITO DE MARÇO// UMA DATA QUE VAI ALÉM DAS HOMENAGENS ÀS MULHERES// UMA DATA QUE A GENTE TAMBÉM PÁRA PRA REFLETIR// PRA PENSAR EM COMO IDEIAS ANTIGAS/ DE PODER/ DE DOMINAÇÃO/ SE TRANSFORMARAM EM SITUAÇÕES INACEITÁVEIS// A VIOLÊNCIA// A MORTE// NOVA LEIS SÃO CRIADAS// NOVAS FERRAMENTAS DE DENÚNCIA// MAS O QUE SERÁ PRECISO FAZER PARA ACABAR DE
---	---

	VEZ COM A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?// VEJA AGORA NA REPORTAGEM DA PATRICIA CERQUEIRA/ O DEPOIMENTO EMOCIONANTE DE QUEM PASSOU POR ISSO E CONSEGUIU RECOMEÇAR//
--	---

Quadro 6 – Apresentadora anuncia reportagem sobre violência contra mulher em tom de indignação. Fonte: transcrição do SE 1 (08/03/2019).

A audiência, nesse caso, a feminina, é inscrita no discurso da apresentadora, que se apresenta como pessoa comum. Mais do que isso, torna-se porta-voz das mulheres pela posição que assume na condução do telejornal. Mais expressiva do que os apresentadores anteriores, a jornalista intensificou a característica assumida pelo apresentador anterior do noticiário, centralizando os fatos a sua percepção.

É evidente que essas rupturas apresentadas nesses três momentos não são absorvidas de maneira uniforme pelos telespectadores, mas por outro lado sinaliza mudanças editoriais do noticiário, que sempre teve como conteúdo principal as pautas comunitárias, mas sem o alinhamento ao perfil do apresentador, que agora personifica a performance do ato apresentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quais os limites para o sentido do coloquial? Quando se refere ao jornalismo audiovisual, percebe-se que isso se mostra cada vez mais impreciso. Das dinâmicas passadas a cada década, o significado disso parece se adaptar aos novos contextos. O fato é que coloquial não se confunde com o personificado, quando os enunciadores vão além dessas característica verbal. Para estabelecer novos vínculos e manter uma interação com o público, próximo ao tom de um conversa, os apresentadores se inserem no texto, encarando as situações aos modos de quem o assiste e acompanham como se todos estivessem envolvidos em torno dos temas.

O SE1 passou por mudanças na forma de apresentação do telejornal. Em termos de conteúdo, não houve uma ruptura, mas na forma destes serem apresentados. Os três momentos, vivenciados por três apresentadores, mostram o esforço da emissora em colocar na condução do noticiário alguém que tenha mais do que empatia com o público, mas que possa expressar isso de maneira mais evidente, seja pelo texto, narração ou

expressão. A constatação apresentada não dá conta, ainda, do significado dessas mudanças em torno do valor informativo, que muitas vezes passa a ser o critério para basear críticas a essa centralidade do apresentador.

REFERÊNCIAS

BALOGH, Anna Maria. **O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BECKER, Beatriz. **Televisão e telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras, 2016.

BELÉM, Vitor Curvelo Fontes. **Telejornalismo em transição: reconfigurações da informação e apelo popular na notícia**. 2017. 200 f. Teses (Doutorado em Comunicação e Semiótica) -Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CIRNE, Lívia. As renovações nas formas narrativas e de apresentação dos telejornais como lógicas de aproximação com os telespectadores. **Âncora. Revista Latinoamericana de Jornalismo**, João Pessoa, vol. 2, n. 2, jan/jun, 2015.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia no telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

FECHINE, Yvana. Estratégias de personalização dos apresentadores de TV: um estudo em um telejornal brasileiro. **Revista DeSigns**, Barcelona, n.2, 2002.

_____. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do ethos. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, s/v, n. 36, ago, 2008.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 2a ed. São Paulo: Senac, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MEMÓRIA GLOBO [Internet]. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com>>. Acesso em: 25, nov., 2016.

PATERNOSTRO, Vera I. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia** – os bastidores do telejornalismo. 4.ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo, Summus, 2000.

SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy**: o âncora no telejornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1993.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **A importância histórica da televisão e do telejornalismo na padronização cultural no interior do Brasil**. Comunicação & Mercado/UNIGRAN, Dourados – MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 8-23, nov 2012.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo, Roca, 2006.